



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

MEMORIAL

Para promoção à classe de Professor Titular
Área: Língua Portuguesa

Profª Drª Leonor Werneck dos Santos

Professor Associado IV de Língua Portuguesa

Departamento de Letras Vernáculas

Faculdade de Letras / UFRJ

e-mail: leonorwerneck@letras.ufrj.br

Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/3802276062054027>>

ORCID: orcid.org/0000-0002-8415-3535

Site: <https://leonorwerneck.wixsite.com/leonor>

Instagram: <https://www.instagram.com/leonorws.ufrj/>

<https://www.instagram.com/gplint.ufrj/>



Rio de Janeiro, outubro de 2019.

A educação pela pedra (João Cabral de Melo Neto)

Uma educação pela pedra: por lições;
Para aprender da pedra, frequentá-la;
Captar sua voz inenfática, impessoal
(pela de dicção ela começa as aulas).
A lição de moral, sua resistência fria
Ao que flui e a fluir, a ser maleada;
A de poética, sua carnadura concreta;
A de economia, seu adensar-se compacta:
Lições da pedra (de fora para dentro,
Cartilha muda), para quem soletrá-la.

Outra educação pela pedra: no Sertão
(de dentro para fora, e pré-didática).
No Sertão a pedra não sabe lecionar,
E se lecionasse, não ensinaria nada;
Lá não se aprende a pedra: lá a pedra,
Uma pedra de nascença, entranha a alma.



**“Ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde... Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática.”
(Paulo Freire)**

Dedico este Memorial a quem me ensina todos os dias que ainda tenho muito a aprender: minha filha Alice.

SUMÁRIO

À guisa de introdução	p. 8
PARTE 1: "Transforma-se o amador na cousa amada" (Luiz de Camões)	p. 10
Primeiros passos	p. 10
Início da formação acadêmica	p. 13
Formação acadêmica (pós-graduação) e início da vida profissional	p. 16
PARTE 2: Trajetória acadêmico-profissional na UFRJ	p. 22
I - Atividade docente na UFRJ (Graduação e Pós-graduação)	p. 22
II -Atividades de Pesquisa e Produção Intelectual	p. 30
III - Atividades de Extensão	p. 38
IV - Atividades de Gestão e Representação	p. 43
V - Qualificação Acadêmico-Profissional e Outras Atividades	p. 46
"O professor é aquele que, de repente, aprende" (Guimarães Rosa)	p. 49

À guisa de introdução

Ler é somar-se ao mundo, é iluminar-se com a claridade do já decifrado. Escrever é dividir-se. Cada palavra descortina um horizonte, cada frase anuncia outra estação. E os olhos, tomando das rédeas, abrem caminhos, entre linhas, para viagens do pensamento.
(Bartolomeu Campos de Queirós)

A epígrafe de Bartolomeu Campos de Queirós representa mais que uma citação de abertura deste Memorial. Na verdade, esse trecho, que se refere à leitura literária, ilustra a pluralidade e o impacto de todo e qualquer texto. E, de certa forma, ilustra também o significado de redigir este texto em particular. Afinal, o Memorial mostra uma parte de nós mesmos, que dividimos com o leitor – escrever é dividir-se.

Tentando encontrar o tom adequado à elaboração deste Memorial, busco um suporte teórico para compreender como construir a “escrita institucional de si” de que trata Silva (2015, p. 132-133):

É fundamental, na abordagem da escrita autobiográfica, que se reconheça o esforço de superação dos limites da enumeração através da incorporação necessária de uma linha real, ou imaginária, mas capaz de expressar uma interioridade na narrativa. [...]

Quem se lança à aventura de contar-se na forma de uma narrativa não esquemática é porque se dispõe a colocar em meio ao esforço reflexivo boa dose de impressionismo, a correr o risco da nostalgia ou da indignação, a assumir litígios ou vindicações, e outros contrastes de luz e sombra, afirmação e negação, lembrança e esquecimento que tornam a vida mais do que um currículo.

Interpretar o esforço de dar conta de si (auto), da vida (bio) e da escrita (grafia) é compartilhar de seus riscos.¹

Assim, correndo todos os riscos, como o gênero Memorial permite certa fluidez entre a subjetividade de uma autobiografia e a objetividade de um currículo, peço licença para oscilar entre esses dois momentos, que, segundo Silva (2016, p. 60), não precisam nem devem ser excludentes na elaboração deste texto:

[...] o docente que, para além da diferença geracional com seus alunos e das dinâmicas institucionais de seu departamento, enfrenta novos arranjos de comunicação e sociabilidade e assiste à construção de formas de subjetivação baseadas na exposição negociada de identidades individuais e coletivas, em um terreno no qual o “extremamente privado” e o

¹ SILVA, Wilton C. L. A vida, a obra, o que falta, o que sobra: memorial acadêmico, direitos e obrigações da escrita. *Revista Tempo e Argumento*, v. 7, n. 15, p. 103-136, 2015.

“absolutamente público” se fundem constantemente, necessita ponderar não só sobre a ampliação do seu conhecimento técnico-científico ao longo de sua trajetória, mas também sobre as distintas possibilidades de herança intelectual e vivencial.²

Assim, neste Memorial, de fato pondero a respeito do aprendizado e das experiências que forjaram minha trajetória e busco apontar a "herança intelectual e vivencial" que tenho construído ao longo dos anos. Na primeira parte, relato um pouco dos meus primeiros anos de vida escolar até o início da carreira docente na UFRJ, permitindo-me um tom mais pessoal, com algum humor e muita emoção, rememorando uma época em que eu sequer sabia o que significava uma universidade. Em seguida, aos poucos transito para o destaque a aspectos que configuram minha trajetória acadêmico-profissional como professora e pesquisadora na UFRJ, seguindo os critérios elencados no formulário de Promoção para Professor Titular. E, em todos os momentos, não me esqueço de que sempre fui professora de Língua Portuguesa e Literatura; por isso, mesclo esta narrativa autorreflexiva a citações de alguns dos autores que marcam até hoje minha vida, pedindo que me ajudem com engenho e arte.

² SILVA, Wilton C. L. Saber se inventar: o memorial acadêmico na encruzilhada da autobiografia e do egodocumento. *MÉTIS: história & cultura*, v. 15, n. 30, p. 44-67, jul./dez. 2016.

Parte 1: "Transforma-se o amador na coisa amada" (Luiz de Camões)

Primeiros passos

Alguns aspectos da minha trajetória têm sido peculiares, desde minha infância, e é um pouco dessa história que relato a seguir. É, porém, com uma mistura de emoção, orgulho e até incredulidade que o faço, tentando apresentar um pouco do que me levou a chegar a este ponto da minha carreira acadêmica e profissional: a promoção para Professor Titular de Língua Portuguesa da UFRJ. Emoção, pois é impossível manter a linguagem objetiva – típica dos textos acadêmicos –, uma vez que fatos que marcaram nossa vida influenciam nossas lembranças. Orgulho, porque uma criança vinda de uma família simples, com pais que pouco estudaram, dificilmente se imagina chegando onde cheguei. Incredulidade, porque a vida dá tantas voltas, apresenta tantos obstáculos, que poucas vezes acreditamos ser possível superá-los.

Ao contrário do que muitos colegas relatam, nunca quis ser professora (a não ser nas brincadeiras de criança) e não gostava de estudar português. Eu adorava ciências e matemática, pensava que seria médica pediatra. Mas, desde bem pequena, eu queria ir para a escola, para aprender a ler. Minha mãe sempre relembra que, aos dois anos de idade, eu queria seguir as crianças que passavam uniformizadas para a escola, no bairro de Benfica. De tanto eu insistir, minha mãe me fez um vestido que simulava o uniforme das escolas públicas (saia plissada azul marinho, blusa branca) e pediu que uma vizinha, professora particular, me aceitasse por alguns minutos, nas suas aulas, alguns dias da semana. Foi a glória para mim! Afinal, devidamente uniformizada, eu rabiscava à vontade e tinha uma tarefa muito importante nessa "escola": como eu era a menorzinha, era encarregada de pegar as borrachas e os lápis que, às vezes, caíam no chão.

Aos quatro anos, já em Del Castilho, fui matriculada em um Jardim de Infância e protagonizei minha primeira greve: apesar de adorar brincar de massinha, passei a me recusar a ir à escola. Diante da surpresa da minha mãe, da professora e da diretora, expliquei o porquê da minha manifestação: "Essa escola é muito fraca: não ensina a ler e escrever!". E, assim, lá foi minha mãe procurar outra professora particular, para que eu pudesse aprender a ler. Afinal, os gibis coloridos me

fascinavam, mas, como precisava esperar alguém ter tempo de ler para mim, independente que sempre fui, era urgente aprender para me virar sozinha na tarefa. Essa breve lembrança de infância – tão comum no gênero Memorial – não aparece aqui apenas para marcar o início deste relato, mas para destacar características decisivas na minha vida pessoal e profissional: a curiosidade, o desejo de aprender, o amor pela leitura, a determinação diante do que acredito ser importante.

Meus pais estudaram apenas o suficiente para ler um pouco, assinar o nome e fazer contas, mas sempre defenderam a importância da educação e estimularam que eu e meu irmão estudássemos. Excetuando esse momento inicial de aulas com professoras particulares (ou explicadoras, como são chamadas no subúrbio), toda a minha trajetória escolar e acadêmica foi cumprida em instituições públicas, nas esferas municipal, estadual e federal.

Minha vida em escolas públicas, a partir dos 7 anos, foi repleta de boas notas, marcada por um carinho imenso por meus professores. Nenhum dos meus professores preferidos, porém, lecionava Língua Portuguesa. Durante o Ensino Fundamental, minhas notas em português eram boas, mas, em ciências e matemática, eram muito melhores: raras vezes tirei menos de 8,0 ou 9,0. O gosto pela leitura, porém, continuou, e uma das minhas frustrações era não ter em casa nada mais que livros didáticos e gibis. Livro era artigo caro para uma família como a minha, e nas escolas não havia biblioteca, ou ela permanecia sempre fechada – realidade ainda hoje muito frequente Brasil afora.

Dando um salto no tempo, destaco dois momentos que colaboram para compreender como mudei totalmente de opinião e troquei Medicina por Letras. O primeiro deles foi a descoberta da biblioteca escolar, aos 13 anos, no 9º. ano do Ensino Fundamental, na Escola Municipal Jean Mermoz, no Cachambi. Eu nunca havia entrado em uma biblioteca, mas achei por acaso a sala de leitura da escola, no final de um corredor de difícil acesso. Lá, deparei-me com um livro de poemas de Luiz de Camões em cuja capa havia a famosa figura do poeta, meio de perfil, sem um dos olhos. Eu já havia visto aquela imagem em um adesivo que meu pai, português, havia me dado alguns anos antes. Mas a surpresa maior veio na primeira página, nos versos de uma redondilha: "Descalça vai para a fonte, Leonor pela verdura; vai formosa e não segura". Ver meu nome em um poema marcou tanto a minha adolescência que, anos depois, em um sebo, encontrei um exemplar desse

livro e comprei, guardando-o até hoje, ao lado do único livro infantil que me restou da época em que aprendi a ler: *Alice no País das Maravilhas*. Se já havia interesse pela leitura desde os 4 anos e, sempre que podia, eu tentava ler tudo o que passava na minha frente, o amor pela literatura começou aos 13.

O segundo momento marcante que me fez decidir pela área de "Letras e Artes" ocorreu no Ensino Médio, no Méier, no Colégio Estadual Visconde de Cairu, onde, por três anos, participei do Grupo de Teatro Imagem, sob a direção do querido professor Áureo Vilhena. Eu nunca havia entrado em um teatro... E aproveitei cada um dos papéis que me foram destacados: pedra, flor, porta-bandeira da Portela e até estátua de cemitério. Não interessava a importância do papel, mas o contato com obras literárias de diversos países, estilos literários e artísticos variados e, principalmente, com a música popular brasileira, que eu também pouco conhecia. Então, entre os 14 e os 16 anos, iniciou-se meu interesse pelas artes em geral, e fui ficando íntima da poesia de Vinícius, João Cabral e José Régio; da música de Chico, Elis, Milton, Caetano e Tom; das histórias de Ziraldo e Maurice Druon; das peças de Brecht, Dias Gomes e Guarnieri. Somando tudo isso à vontade de aprender línguas estrangeiras e, quem sabe, ser tradutora, fiz vestibular para Letras e comecei a cursar Português-Literaturas.

O que passarei a relatar a seguir, minha vida acadêmica e profissional, é fruto da minha vida simples de menina de subúrbio, sem acesso a bibliotecas, livros, teatro. Uma menina que não conhecia bairros fora do circuito da Zona Norte; que perdeu o pai aos 11 anos; que pisou a primeira vez em um cinema apenas aos 12, em uma biblioteca aos 13 e em uma livraria aos 18; que conseguiu estudar quatro línguas estrangeiras, para realizar o sonho de viajar e ler textos escritos em inglês, francês, italiano e espanhol; que compreendeu muito cedo a necessidade de resolver seus problemas sozinha; que nunca perdeu o desejo de aprender; e que, principalmente, sabe dar valor a tudo e a todos os que cruzaram seu caminho.

Tão bom viver dia a dia...
A vida assim, jamais cansa...

Viver tão só de momentos
Como estas nuvens no céu...

E só ganhar, toda a vida,
Inexperiência... esperança...

E a rosa louca dos ventos
Preso à copa do chapéu.

Nunca dê um nome a um rio:
Sempre é outro rio a passar.

Nada jamais continua,
Tudo vai recomeçar!

E sem nenhuma lembrança
Das outras vezes perdidas,
Atiro a rosa do sonho
Nas tuas mãos distraídas...

(“Canção do dia de sempre”, Mario Quintana)

Início da formação acadêmica

Tomada a decisão de cursar Letras, fiz vestibular e iniciei os estudos na UFRJ em 1985. Estudar em uma universidade pública era a minha única possibilidade de fazer um curso superior, pois minha família não podia pagar mensalidade em instituições privadas. E, mesmo passando para uma universidade pública, trabalhei desde o primeiro período: vendi roupa em shopping em loja de surfista, trabalhei na secretaria de uma escola carimbando carnês de pagamento... até que consegui ser monitora de Língua Portuguesa e de Literatura Portuguesa – foi quando, finalmente, consegui me dedicar integralmente à faculdade, recebendo bolsa de pesquisa. Desde o primeiro semestre do curso de Português-Literaturas, também comecei a dar aulas particulares de português, redação e inglês, o que proporcionou uma experiência que muito me auxiliou quando comecei a lecionar em escolas.

No início, o curso de Letras me pareceu muito estranho. Estudar Latim e Grego, por mais que eu adorasse línguas estrangeiras, não era algo muito simples. Entender Linguística e Teoria Literária também era difícil. Pensei em desistir algumas vezes (fazer Biologia ou Contabilidade), mas meus amigos de turma e os excelentes professores que tive me prendiam na Letras. Assim, mesmo surpresa diante das aulas sobre variação, fonética e fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, aprendi muito com professores inesquecíveis de Linguística e Língua Portuguesa: Aparecida Pinilla, Maria Aparecida Lino Pauliukonis, Luiza Berthier, Luiz Marques de Souza, José Carlos Azeredo, Susana D’Ávila, Carlota Rosa, Castelar de Carvalho. Na área de literatura, também tive professores inesquecíveis: Beth Vasconcelos, Gloria Pondé, Luci Ruas, Marina Paranhos, Therezinha Val, Rosa Gens, Fred Góes,

Angélica Soares, Clécio Quesado, Dalma Nascimento, Teresa Cristina Meirelles. Todos esses, somados às professoras Tania e Shirlei (Grego Genérico), Hesíodo Facó (Italiano), Alexandre Lisovsky e Moisés (Literatura Hebraica), foram me mostrando aos poucos um curso extremamente interessante, que abriu meus horizontes.

Um dos fatos que merece destaque, principalmente no início da graduação, em 1985, foi minha descoberta a respeito de aspectos políticos que envolviam Brasil e Portugal, desde a década de 1960. Nas aulas e nas palestras de alguns professores, como Therezinha Val, ouvi falar dos horrores da ditadura militar no Brasil e do salazarismo em Portugal. Para uma jovem com pouquíssima informação (e até interesse) sobre política, que foi criança e adolescente durante a ditadura militar, as informações que eu recebia eram chocantes. Nunca um professor havia comentado, nas aulas às quais eu assistia, que estávamos em uma ditadura – pelo contrário, nas escolas onde estudei aprendi a cantar hinos e a marchar ao som da ordem unida – e em casa nada a respeito era dito. Nesses anos pós-abertura política, na Faculdade de Letras, também era comum assistirmos a palestras ou exposições de fotos a respeito de censura e perseguição política. A venda que me foi retirada dos olhos nessa época moldou minha participação política a partir de então, tanto como aluna como, principalmente, como professora e cidadã. E não podia deixar de pontuar esse tema, ao falar da minha entrada em uma universidade pública.

Além de ter aulas inesquecíveis, durante a graduação, pude ter contato com professores que mostravam como repensar os conhecimentos sobre língua e literatura que trazemos da escola. Tive a honra de assistir a palestras de Celso Cunha, Celso Luft, Adriano da Gama Cury, Evanildo Bechara, Maria Helena Mira Mateus, Antonio Carlos Secchin, Leodegário de Azevedo Filho, Jorge Fernandes da Silveira, Cleonice Bernardinelli, Marlene de Castro Correia, dentre outros expoentes dos estudos linguísticos e literários.

Em 1987, participei do processo de seleção para a Monitoria de Língua Portuguesa e, avaliada por Maria Emilia Barcellos, fui aprovada. Maria Emilia ainda estaria presente em outros momentos da minha vida acadêmica, que relatarei mais à frente. Na monitoria, orientada por Vera Feitosa, pesquisei a respeito do ensino de produção textual e ministrei um curso de redação para alunos e funcionários da

faculdade – aprendi muito com essa experiência. Em 1988, decidi participar da Monitoria de Literatura Portuguesa e, orientada por Luci Ruas, pude pesquisar aquele poeta caolho, que tinha me fascinado aos 13 anos: Luiz de Camões. Analisando a temática amorosa em alguns sonetos camonianos, apresentei meu primeiro trabalho acadêmico, na Jornada de Iniciação Científica (JIC/SIAC). Também participei, como ouvinte, de diversos congressos, durante a graduação.

A partir de 1987, estagiei na Fundação Instituto de Geotécnica (Geo-Rio) como revisora e, a partir dos contatos que fiz durante esse estágio, passei a atuar em editoras como revisora e copidesque, inclusive acompanhando a tradução de alguns livros do inglês para o português e revisando textos em espanhol. Foram experiências enriquecedoras, que proporcionaram contato com colegas de outras áreas e acesso a obras teóricas e literárias inéditas.

Como estudava e trabalhava, levei mais tempo para me formar: concluí o Bacharelado em quatro anos e precisei fazer Prática de Ensino no ano seguinte. A formatura como Bacharel em Letras foi marcada por um momento extremamente emocionante para todos: a presença do Patrono, João Cabral de Melo Neto, cujo poema “A educação pela pedra” deu nome à turma (e serve de epígrafe a este Memorial). Tanto em Licenciatura quanto no Bacharelado, recebi diploma com Dignidade Acadêmica *Cum Laude*, por ter obtido média geral 8,7.

Em relação ao ano durante o qual me dediquei à Prática de Ensino, posso dizer que, novamente, houve um divisor de águas na minha vida. O professor Leonardo Castilho era bem diferente dos professores que eu tivera na Letras: mais tradicional, sua grande preocupação era nos mostrar como dar aula do que estava na NGB. O choque entre a visão de mundo que eu havia experimentado na Letras e o que precisava apresentar nas aulas da Educação mostrou, na prática, o que precisamos fazer no dia a dia da escola: adaptar nosso conhecimento para a realidade, mesclando teorias e nomenclaturas.

Leonardo sempre nos fazia uma pergunta assustadora na hora dos nossos seminários: "Se um aluno seu, de 11 ou 12 anos, perguntar isso, o que você responderá?". E lá vinha uma pergunta complicadíssima, que não sabíamos responder (às vezes, até ele confessava não saber). Anos depois, em vários momentos, nas turmas nas quais lecionava, ao ouvir uma pergunta de uma criança ou adolescente, eu me lembrei das aulas do Leonardo e pensava: "Nossa...isso é

exatamente o que ele dizia que nos perguntariam!". Essa experiência na Prática de Ensino, aliada ao carinho e à confiança que Leonardo demonstrava por mim, mostraram que realmente o meu lugar era a sala de aula: recebi nota 10 em Didática Especial de Português e fui convidada por ele a substituí-lo em um curso preparatório para concursos.

Quanto ao estágio, pude fazê-lo no Colégio Estadual Visconde de Cairu, no Méier, onde eu havia estudado, na mesma sala onde, anos antes, eu e meus amigos nos sentávamos. Foi também uma experiência inesquecível, pois eu era responsável pela turma durante um tempo inteiro de aula, para tirar dúvidas de Português – e o professor da disciplina era o mesmo que havia lecionado para minha turma, Sênio Xavier. Dessa época do estágio, trago a lembrança feliz de ter dominado uma turma difícil e bagunceira, que, ao final do ano, tirou fotos comigo e me deu presentes. Enfim, estava consolidado meu futuro: seria mesmo professora e, portanto, como sempre fiz, resolvi dedicar-me inteiramente à tarefa que tinha pela frente.

Passei o ano de 1990 trabalhando, em tempo parcial, fora da carreira docente, aproveitando o tempo restante para dedicar-me à preparação para concursos públicos de magistério e para a prova do Mestrado da UFRJ. Enquanto isso, continuava a dar aulas particulares e corrigir redação para professores que me contratavam. Em 1990, também comecei a cursar a graduação em Comunicação Social na UERJ, pois pretendia mesclar os conhecimentos dessa área aos de Letras. Na hora de escolher a área do Mestrado, novamente fiquei entre Língua Portuguesa e Literatura, mas optei pela primeira, por me identificar mais com a bibliografia da prova. A literatura, porém, continua até hoje na minha vida, e pude, ao longo dos anos, dedicar-me a ela sempre que possível.

Formação acadêmica (pós-graduação) e início da vida profissional

Em 1991, comecei a lecionar em escolas particulares, ao mesmo tempo em que iniciei o Mestrado em Língua Portuguesa na UFRJ. Ainda tentei conciliar a pós-graduação, o curso de Comunicação Social na UERJ e o trabalho como professora em duas escolas, mas foi impossível. Então, tranquei o curso de Comunicação e priorizei o Mestrado. Novamente tive aulas com Castelar de Carvalho, Luiz Marques e Aparecida Lino – que tinham sido meus professores na graduação –, mas também

conheci Thereza Indiani, Helenio de Oliveira e Francisca Nóbrega, com a qual cursei uma disciplina sobre literatura infantil que mudaria meu tema de pesquisa.

Em 1994, defendi a Dissertação de Mestrado intitulada *Os paradidáticos e o ensino de leitura no 1o grau*, tendo como orientadora Aparecida Lino e, na banca, Luiz Marques e Helenio de Oliveira. Minha pesquisa discutia, em uma época anterior aos PCN, a importância do trabalho com leitura em sala de aula, de maneira a formar leitores críticos e motivados para o contato com textos variados. Como desdobramento dessa pesquisa, além de ter publicado vários artigos sobre ensino de leitura, recebo até hoje inúmeros convites para palestras e minicursos em escolas públicas e privadas, o que demonstra a abrangência dessa pesquisa feita há 25 anos. O Mestrado também proporcionou o contato com Claudia de Souza Teixeira (atualmente professora do IFRJ), uma grande amiga, com quem apresentei diversos trabalhos e publiquei vários artigos e um livro.

É essencial destacar que, desde essa época do Mestrado, Aparecida Lino tem sido muito mais que uma orientadora, mas uma mentora, por ter me mostrado os primeiros caminhos acadêmicos que eu devia seguir, aconselhando quanto ao concurso para a UFRJ, em 1994, após a defesa da Dissertação. Posteriormente, quando eu já era professora da UFRJ, Aparecida convidou-me a integrar o grupo de pesquisa Círculo Interdisciplinar de Análise do Discurso (CIAD-Rio) e indicou meu nome ao GT Linguística de Texto e Análise da Conversação (GTLAC) da ANPOLL. Na época do Doutorado, Aparecida também compreendeu minha necessidade de mudança de ares teóricos, respeitando minha decisão. Já estivemos juntas em diversas bancas, publicamos artigos em coautoria, atuamos juntas em mesas-redondas, conversamos sempre animadas a respeito de temas diversos. Enfim, ao elaborar este Memorial, relembrei como Aparecida continua acompanhando minha trajetória até hoje, generosamente me estimulando a prosseguir, sempre com profissionalismo e um invejável bom humor – e só tenho a agradecer por, até hoje, servir de exemplo para mim.

Durante o Mestrado, frequentei cursos de atualização que auxiliaram o início da minha atuação em salas de aula. Em 1992, participei do curso de capacitação para professores (50 horas/aula) oferecido aos aprovados no concurso para magistério da rede municipal do Rio de Janeiro. Em 1993, decidi participar do curso de Atualização em Língua Portuguesa (180 horas/aula), patrocinado pela Fundação

Vitae e coordenado pelos professores Luiz Marques de Souza e Maria Teresa Gonçalves Pereira. Esse curso foi essencial para estreitar os laços com Luiz Marques, discutir a respeito de conteúdos e metodologias de ensino, conhecer dezenas de colegas (alguns dos quais são meus amigos até hoje) e trocar experiências com professores recém-formados e outros com anos de magistério. Em especial, destaco o contato com Beatriz Cariello (American Organization of Teachers of Portuguese/AOTP-Flórida, EUA) e Rosa Cuba Riche (CAP-UERJ), amigas e parceiras com quem já redigi artigos acadêmicos e elaborei materiais didáticos para minicursos.

Já citei o nome de Luiz Marques várias vezes, e ele merece ser lembrado como um dos professores mais importantes que tive na UFRJ. Seu jeito simples, divertido, extremamente comprometido com a prática docente, marcou todos os que foram seus alunos. Até hoje, quando reencontro colegas da graduação, do curso da Vitae ou do Mestrado, o nome de Luiz Marques é sempre lembrado com carinho, como alguém que nos mostrava a dimensão humana que não deve ficar em segundo plano em sala de aula. Como disse uma amiga certa vez, depois de ouvir Luiz falando a respeito do ensino de língua portuguesa, nossas aulas nunca mais eram as mesmas. Com ele, li pela primeira vez, no final da década de 1980, textos de Ingedore Koch, Luiz Carlos Travaglia e Luiz Antonio Marcuschi, o que demonstra seu pioneirismo ao nos mostrar obras recém-lançadas; com ele, li *O texto na sala de aula* (na versão fotocopiada, de 1984, que circulava entre nós quase como um material subversivo), livro de João Wanderley Geraldi que mudaria completamente minha percepção sobre leitura e produção textual na escola. Ao lembrar os momentos marcantes da minha vida na UFRJ, o nome de Luiz Marques de Souza, sem dúvida, é um dos primeiros que merecem ser citados.

Retomando o período do Mestrado, desde o início complementei minha formação acadêmica, participando de congressos na área de Letras e Linguística, apresentando trabalhos. Como exemplo, cito minha primeira apresentação em um evento internacional, em 1992, quando apresentei comunicação no II Congresso Internacional da Faculdade de Letras da UFRJ. Além disso, a partir de 1993, comecei a ser convidada para ministrar palestras sobre ensino de Língua Portuguesa, em instituições públicas e privadas do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu e Queimados – neste município, a convite da Secretaria Municipal de Educação. No

mesmo ano, fui convidada a participar da Pesquisa do 2º Ciclo de Aferição do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica-SAEB, organizado pelo INEP-MEC. Ainda em 1993, fui aprovada em 4º lugar no concurso de professor substituto de Língua Portuguesa da Faculdade de Letras da UFRJ; em 1994, associei-me à Associação de Estudos da Linguagem do Rio de Janeiro (Assel-Rio). Portanto, essa época foi marcada pelo investimento na minha carreira acadêmica e profissional.

Durante o Mestrado, enquanto pesquisava, fui professora da rede particular e pública, lecionando em cursos pré-vestibulares, em turmas de ensino fundamental e médio de turnos diurnos e noturnos. Estudava e trabalhava, de segunda a sábado, e tive quase 400 alunos de uma só vez. Foi um período muito importante na minha vida profissional. Sempre digo que, se cheguei até aqui como professora, devo muito aos meus alunos de Acari, Inhaúma, São Cristóvão, Engenho Novo, Ilha do Governador, Penha, Laranjeiras, Tijuca. Com eles, aprendi a ensinar literatura tentando fazer o que professores como Dalma Nascimento e Áureo Vilhena fizeram comigo: mostrando como as artes plásticas conversam com os estilos literários e como um texto literário e uma letra de música podem nos mostrar muito mais do que imaginamos. Com esses alunos, também aprendi a lecionar língua portuguesa e a corrigir redação, entendendo, como dizia Luiz Marques, que os erros dos alunos são uma tentativa de acerto – e por isso temos que compreender o que motivou esses erros. Com eles, compreendi o que Paulo Freire sempre defendeu: que o aprendizado precisa ser significativo, não pode ser uma educação bancária. Com esses alunos, principalmente, aprendi a exercitar a humildade essencial na carreira do magistério (pois nunca sabemos tudo), a respeitar as diferenças e as dificuldades de cada um (que nem sempre aprendemos na faculdade), a me lembrar de quando eu também era aluna e não entendia por que era importante saber a diferença entre adjunto adnominal e complemento nominal. O carinho que desenvolvi com esses alunos – em especial os da Escola Municipal General Osório (Acari) e os do Colégio Pedro II (São Cristóvão e Engenho Novo) – marcou esse meu início de atividade docente, e muito me alegra, até hoje, ter contato com vários deles, que já são pais e ainda se lembram das minhas aulas, mesmo depois de mais de 25 anos.

A pesquisa do Mestrado também descortinou a oportunidade de proporcionar às minhas turmas o que eu não havia vivenciado como aluna de escola pública sem biblioteca: o contato com livros variados. Assim, na Escola Municipal General

Osório, coloquei em prática aquela que é, até hoje, minha experiência mais gratificante: levando ao pé da letra as palavras de João Wanderley Geraldi a respeito do Circuito do Livro, fiz circular, entre meus alunos, cerca de 100 livros de literatura. Orgulho-me de ter mostrado às minhas turmas os poemas de Vinícius de Moraes, Fernando Pessoa e Luiz de Camões; os contos de Lygia Fagundes Telles; as crônicas de Drummond; as histórias de Pedro Bandeira; a Coleção Vaga-lume. Alguns desses alunos participaram de festivais de poesia na escola e um deles, após ler *Capitães de Areia*, escreveu um poema sobre o assassinato dos meninos da Candelária que emocionou a todos na escola e ganhou prêmio. Era um dos meninos mais desinteressados da turma...

Em 1994, enquanto as outras turmas faziam murais em homenagem a Ayrton Senna, meus alunos faziam murais em homenagem a Mario Quintana, que falecera na mesma semana que o piloto de Fórmula 1. Um desses meninos, há alguns anos, contou, no Facebook, que o livro lido na minha aula foi o primeiro com o qual ele havia tido contato na vida, e nunca mais parou de ler desde então. Assim, quando finalizei minha Dissertação de Mestrado sobre leitura na escola, que incluía propostas de atividades sobre obras de Pedro Bandeira, muitas dessas atividades eu já havia aplicado em sala. Foi a coroação do que eu sempre imaginei e defendo, até hoje, como essencial em sala de aula: a articulação entre teoria e prática.

Ao final de 1994, após defender a Dissertação e ser estimulada pela minha orientadora e pelos comentários da banca, participei do concurso para Professor Assistente de Língua Portuguesa da Faculdade de Letras da UFRJ e passei em 2º lugar. Somada à alegria da aprovação, com nota 9,5 na prova de aula, veio a tristeza de ter que abandonar o Ensino Básico, devido à obrigatoriedade da Dedicção Exclusiva. Foi uma decisão muito difícil para mim, pois eu pretendia continuar lecionando em escolas públicas, mas atuar em uma universidade pública também me interessava. E me lembro de como Aparecida Lino foi importante, mais uma vez, me ouvindo e aconselhando, mostrando como eu poderia continuar contribuindo com a educação básica, ajudando a formar os futuros professores. Assim, optei por seguir a carreira acadêmica, comprometendo-me a colaborar com a formação dos professores – e venho fazendo isso até hoje, tanto em minhas aulas, quanto em palestras, minicursos, publicações.

Tenho um livro sobre águas e meninos.
Gostei mais de um menino
que carregava água na peneira.

A mãe disse que carregar água na peneira
era o mesmo que roubar um vento e sair
correndo com ele para mostrar aos irmãos.

A mãe disse que era o mesmo que
catar espinhos na água
O mesmo que criar peixes no bolso.

O menino era ligado em despropósitos.
Quis montar os alicerces de uma casa sobre orvalhos.
A mãe reparou que o menino
gostava mais do vazio
do que do cheio.
Falava que os vazios são maiores
e até infinitos.

Com o tempo aquele menino
que era cismado e esquisito
porque gostava de carregar água na peneira

Com o tempo descobriu que escrever seria
o mesmo que carregar água na peneira.

No escrever o menino viu
que era capaz de ser
noviça, monge ou mendigo
ao mesmo tempo.

O menino aprendeu a usar as palavras.
Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.
E começou a fazer peraltagens.

Foi capaz de interromper o voo de um pássaro
botando ponto final na frase.

Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.

O menino fazia prodígios.
Até fez uma pedra dar flor!
A mãe reparava o menino com ternura.

A mãe falou:
Meu filho você vai ser poeta.
Você vai carregar água na peneira a vida toda.

Você vai encher os
vazios com as suas
peraltagens
e algumas pessoas
vão te amar por seus
despropósitos.

("O menino que carregava água na peneira", Manoel de Barros)

Parte 2: Trajetória acadêmico-profissional na UFRJ

I – Atividade docente na UFRJ (Graduação e Pós-graduação)

Ao ser aprovada no concurso para Professor Assistente de Língua Portuguesa, em dezembro de 1994, lembro-me de ter dito à minha mãe, preocupada com a nova mudança de emprego, que eu estava optando pela carreira que muitos almejam e que a UFRJ, onde eu havia começado minha formação acadêmica, seria o lugar onde me aposentaria. Ter sido aprovada por uma banca composta por professoras que eu admirava (Edila Viana, Maria Emília Barcellos, ambas da UFRJ; Eneida Bonfim, da PUC-Rio), recebendo nota 9,5 na prova de aula, foi muito importante. E tem sido uma honra poder trabalhar com meus antigos professores e com colegas que passaram a fazer parte da minha vida profissional e pessoal nesses 24 anos.

Em 1995, enquanto aguardava a homologação do meu concurso, que só ocorreria no mês de agosto, continuei atuando na rede municipal do Rio de Janeiro e comecei a lecionar na UFRJ como "professora especial" – terminologia criada, à época, para atender às centenas de aprovados que aguardavam a homologação dos seus concursos. Nesse período, aproximei-me do movimento sindical e associei-me à ADUFRJ, cujos diretores e representantes docentes junto à Reitoria da UFRJ foram determinantes na luta pela homologação dos nossos concursos.

Em 1996, iniciei o Doutorado em Língua Portuguesa, também na UFRJ, e tive aulas com Alzira Macedo, Maria Lucia Leitão e Maria Eugenia Lamoglia Duarte – que passaria a ser minha orientadora. Também decidi cursar disciplinas da área de literatura. Então, fui aluna de Eliana Yunes, na PUC-Rio, e de Cleonice Berardinelli (em curso oferecido em conjunto com o professor Ettore Finazzi-Agrò, de Roma), na UFRJ. Para complementar os créditos das disciplinas, aproveitei o XIII Instituto Brasileiro de Linguística, durante o Congresso da Abralín de Maceió, em 1997, e assisti aos cursos ministrados por Ingedore Koch e pela dupla José Luiz Fiorin e Diana Luz Pessoa de Barros. Nessa época, a oportunidade de conhecer de perto alguns dos maiores linguistas brasileiros, principalmente Ingedore, uma das responsáveis pela divulgação de pesquisas em Linguística de Texto no Brasil, fez com que eu buscasse um novo caminho no Doutorado. Assim, passei a pesquisar o

uso de articuladores textuais, em textos da literatura infantil e juvenil, sob orientação de Maria Eugenia Lamoglia Duarte e coorientação de Ingedore Koch.

Não posso deixar de destacar a admiração e o agradecimento às minhas orientadoras de Doutorado, que me ajudaram em um momento tão importante da minha vida. Eugenia, durante a disciplina que ministrou sobre sintaxe do Português e após ler meu trabalho final sobre subordinação e coordenação, passou a estimular minha pesquisa sobre os articuladores e foi a primeira a sugerir que eu convidasse Ingedore para coorientar a Tese. Após telefonar para Ingedore e marcar um encontro em Campinas, ainda sem coragem de fazer um pedido de coorientação a essa linguista tão ocupada, emocionei-me logo ao chegar à sua sala da Unicamp: já havia uma pilha de textos fotocopiados para auxiliar na minha pesquisa. Essa parceria Eugenia-Ingedore marcou minha carreira acadêmica e profissional, devido às mudanças teórico-metodológicas que influenciaram minhas pesquisas, e também minha vida pessoal, por ter contato com duas professoras extremamente generosas, que passei a chamar de colegas e a admirar ainda mais. Sou eternamente grata a ambas por tudo o que fizeram por mim.

A experiência do Doutorado moldou meu caminho como professora e pesquisadora, pois passei a me dedicar à Linguística de Texto e, na Tese, mais uma vez, pude mesclar estudos linguísticos à análise de textos literários – originalidade que foi bastante elogiada pela Banca, formada por minhas orientadoras, Luiz Antonio Marcuschi, Maria da Conceição Paiva e Aparecida Lino. Devo salientar que a defesa da Tese ocorreu em junho de 2001, nove meses antes do prazo final, e, por sugestão da Banca, publiquei a Tese pela Editora Lucerna. Esse livro *Articulação textual na literatura infantil e juvenil: e, mas, aí, então* recebeu o selo Acervo Básico, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), em 2004 – distinção que reitera o ineditismo da obra. Além disso, em 2003, Ingedore citou minha pesquisa como referência teórica, no seu livro *Desvendando os segredos do texto*, o que me emociona até hoje e comprova sua generosidade e seu carinho. Ainda como desdobramentos da pesquisa do Doutorado, devo mencionar que divulguei a Tese em diversos congressos nacionais e internacionais, e meu livro é citado por mais de 20 outras teses e artigos (cf. Google Acadêmico).

Em relação à atividade docente na UFRJ, desde 1995, atuo em ensino, pesquisa e extensão. Na graduação, lecionei em quase todas as 15 disciplinas

oferecidas pelo Setor de Língua Portuguesa (exceto Português Instrumental para os cursos de Química e Física), além das quatro disciplinas voltadas à orientação dos graduandos. Já orientei cerca de 40 alunos de graduação (15 de Iniciação Científica e 25 de Extensão), que apresentaram seus trabalhos em congressos e na Jornada de Iniciação Científica da UFRJ (JIC/SIAC) – alguns dos quais elaboraram Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sob minha orientação e ingressaram na pós-graduação. Destaco que meus orientandos sempre receberam notas acima de 9,5 na JIC/SIAC e, na edição de 2018, duas orientandas receberam Menção Honrosa.

Dentre essas disciplinas de Língua Portuguesa, além da Faculdade de Letras, lecionei em turmas da Faculdade de Educação, Faculdade de Belas Artes, Escola de Serviço Social, Faculdade de Administração e Escola de Comunicação Social (ECO). Especialmente em Comunicação Social, tenho atuado em turmas do ciclo básico, articulando as teorias de texto e discurso à análise de textos midiáticos. Desse trabalho, além de um contato carinhoso e constante com colegas e alunos da ECO, já fui chamada para integrar várias bancas de monografia de ex-alunos, além de receber convites para parcerias em palestras, orientações informais e publicações. Uma das turmas da ECO carinhosamente me homenageou durante a formatura, em 2015, em uma cerimônia inesquecível, marcada por abraços afetuosos e muita emoção. Dessa atuação na ECO, além da parceria com alguns colegas, destaco a pesquisa do graduando Lucas Torres Affonso (atualmente, jornalista da Globo News), que, no segundo período do curso, decidiu levar adiante um trabalho apresentado na minha disciplina a respeito do programa televisivo Globo Esporte, apresentando uma comunicação em um congresso nacional de jornalismo e publicando, em parceria comigo, dois artigos – um deles, em 2013, em versão bilíngue português-espanhol.

Em relação à pós-graduação *stricto sensu*, em turmas de Mestrado e Doutorado de Língua Portuguesa, desde 2002, já ministrei 15 disciplinas, cujos temas versam a respeito de Linguística de Texto – especialmente argumentação, gêneros textuais e referenciação –, muitas vezes articulando as reflexões teóricas a aspectos didáticos. Também fui convidada duas vezes a ministrar disciplina no Curso de Mestrado do Instituto de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (COPPEAD), visando ao ensino da argumentação na área de gestão empresarial –

experiência gratificante, que descortinou uma possibilidade de atuação em Mestrado de outra área, fora da Letras.

Aqui abro parênteses para destacar o nome de Maria Emília Barcellos e sua importância nos meus primeiros anos de atividade na pós-graduação. Maria Emília tinha participado das bancas que me aprovaram como monitora em 1987 e como professora em 1994, e, em 2003, ela me convidou para substituí-la em uma disciplina na pós-graduação (Seminário de Dissertações e Teses). Por ter se aposentado em seguida, herdei dela uma orientanda e convidei-a a integrar a primeira banca que presidi, dessa mesma aluna, em 2004. Maria Emília também me ensinou muito, durante a formação para correção de redações no vestibular da UFRJ, em 1999 e 2000. Assim, sem nunca ter sido minha professora, Maria Emília foi uma pessoa muito importante para mim na UFRJ e merece ser citada com carinho e gratidão neste momento em que relembro minha atuação na pós-graduação.

Em relação às orientações, entre 2003 e 2019, já são 31, entre Mestrado (Acadêmico e Profissional) e Doutorado, além de algumas coorientações. Acompanhar o crescimento acadêmico desses orientandos mostra o alcance do meu trabalho, pois alguns foram meus alunos na graduação ou fizeram TCC, Mestrado e chegaram ao Doutorado. Muitos desses orientandos foram os primeiros da família a se formar em universidade pública e os únicos a concluir uma pós-graduação; quase todos são professores de instituições públicas. Como aluna e professora que sempre fui de instituições públicas, não posso deixar de celebrar com eles essa conquista tão difícil e tão relevante. Afinal, ao lembrar nossa trajetória acadêmica e profissional, não podemos perder a dimensão política do trabalho docente na formação de cidadãos críticos.

Também não posso deixar de citar que participei de 18 bancas de avaliação de monografia (9 delas na graduação da ECO) e mais de 100 bancas de qualificação e de defesa de Mestrado e Doutorado, algumas vezes via Skype, de 2003 a 2019. Em relação a bancas de Qualificação e de Defesa de Dissertação e Tese, tenho atuado em várias cidades brasileiras e é uma honra poder colaborar com essas pesquisas, conhecendo colegas que pactuam comigo o interesse por temas associados a texto e discurso. Gostaria de destacar, em especial, as 32 bancas do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) das quais participei, pois

tenho aprendido muito com mestrandos do Acre, Sergipe, Tocantins, Rio de Janeiro. A importância política e pedagógica deste programa de Mestrado Profissional em rede é inquestionável, por isso é lamentável que governos mais recentes tenham cortado verbas destinadas a este que é um dos maiores programas de formação continuada destinado ao magistério no Brasil.

Em relação ao ProfLetras, faço questão de destacar minha ampla participação nesse Mestrado Profissional. Desde sua criação, em 2012-2013, estive presente em várias reuniões com dezenas de colegas de todo o Brasil, capitaneadas pelo coordenador da área na Capes à época, Dermeval da Hora. Tive a honra de auxiliar na elaboração de ementas e de integrar o corpo docente da disciplina Texto e Ensino, colaborando na organização do conteúdo programático e da bibliografia dessa disciplina. Por ser um Mestrado voltado especificamente para professores da rede pública do Brasil, poder participar desse Programa, ministrando disciplina, orientando e participando de bancas, país afora, tem sido enriquecedor.

Ainda na pós-graduação, é importante listar minha atuação em cursos de Especialização *lato sensu*, lecionando, orientando monografias e compondo bancas: desde 1997, a convite das professoras Luci Ruas e Rosa Gens, integro o corpo docente da Especialização em Literatura Infantil e Juvenil (LIJ) – curso que coordenei entre 2003 e 2004; e, em 2004 e 2005, a convite da professora Aparecida Lino, atuei na Especialização em Língua Portuguesa. Mais uma vez, o contato com professores da rede pública e particular, em ambos os cursos, revelou o quanto a Academia ainda precisa voltar sua atenção à formação continuada dos professores da Educação Básica. Minhas disciplinas da especialização estão sempre relacionadas ao ensino de leitura e língua portuguesa, abordando textos literários e não literários, analisando livros didáticos e propondo atividades para a sala de aula. Especificamente na Especialização em LIJ, por recebermos alunos de Artes, Teatro, Música, além de escritores e ilustradores, minha concepção a respeito da LIJ ampliou-se a ponto de eu ser convidada a participar de programas de leitura e de júri de prêmios literários – o que detalharei mais à frente.

Tenho muito orgulho de acompanhar a vida profissional dos quase 80 alunos (de Iniciação Científica, Mestrado, Doutorado, Especialização) que orientei. Vários foram aprovados em concursos públicos, inclusive para Institutos Federais de Educação, Colégio Pedro II e universidades; outros estão atuando em escolas

particulares, inclusive em cargo de coordenação de disciplina. Além disso, sempre os estímulo a se apresentarem em congressos nacionais e internacionais (muitas vezes, viajei com eles, inclusive para fora do estado do Rio de Janeiro) e a publicarem artigos, individualmente ou formando parcerias com colegas. Desde 2011, têm sido frequentes também publicações minhas em coautoria com orientandos, pois considero importante divulgar suas pesquisas.

Gostaria de destacar algumas dessas orientações. Por exemplo, minha atuação, junto com Filomena Varejão, entre 2006 e 2008, orientando 25 graduandos responsáveis por aulas de redação e língua portuguesa no Projeto de Extensão da PR-5/UFRJ "Curso Pré-Vestibular" (unidades Caju e Nova Iguaçu), voltado para alunos carentes. Esses orientandos apresentaram diversos trabalhos na JIC/SIAC, recebendo notas acima de 9,5 e sendo muito elogiados, não apenas pela sua atividade pedagógica de alto cunho social mas também pela articulação coerente com a teoria.

Em relação aos orientandos de Iniciação Científica, é sempre uma alegria perceber como eles crescem academicamente no decorrer da graduação, desenvolvendo suas pesquisas. Todos começam tímidos, quietos, inseguros, às vezes sem bolsa, mas, aos poucos, vão ficando mais confiantes, com coragem de se apresentar na JIC/SIAC e em congressos e de pleitear auxílio junto a órgãos de fomento. Cada página que escrevem do TCC é uma vitória para eles e para mim. Cada pôster elaborado para congresso simboliza um passo a mais na carreira. Como todos os meus orientandos fazem parte do GPLINT, grupo de pesquisa que coordeno, o intercâmbio com mestrandos, doutorandos e pós-doutorandos faz com que esses alunos se inspirem e busquem o crescimento profissional e acadêmico. As parcerias para apresentações em eventos e para publicações são frequentes. Atualmente, um dos meus orientandos de Iniciação Científica, Samuel Malaquias, é bolsista no IFRJ de Margareth Moraes, que foi minha orientanda de Doutorado.

Quanto aos meus orientandos de pós-graduação, destaco que muitas pesquisas enfatizaram o ensino de Língua Portuguesa e vêm recebendo elogios de professores que tentam implementar algumas das propostas feitas nas Dissertações e Teses. Além disso, com frequência, meus orientandos são convidados a divulgar suas pesquisas em escolas e em universidades. Como exemplo recente, cito Vanessa Antunes, convidada pela Profa. Dra. Beatriz Feres, que a arguiu na Banca,

para apresentar sua pesquisa de Mestrado em uma mesa-redonda no Fórum "Mulher, resistência, resiliência", na UFF (novembro/2019). Fico muito orgulhosa de ver o sucesso que meus orientandos vêm alcançando, acadêmica e profissionalmente.

Desde 2011, oriento também doutorandos, que vêm se destacando com temáticas abrangentes: Christiana Leal (professora do INES e do CAP-UERJ) analisou estratégias de referenciação em textos escritos por surdos; Sylvia Jussara Nascimento (professora do município de Duque de Caxias) descortinou a abordagem de gêneros textuais em todas as provas do Enem aplicadas até a data da defesa; Manuela Colamarco (professora e coordenadora do Centro Educacional Espaço Integrado), Margareth Morais (professora do IFRJ) e Matheus Odorisi (professor da Escola Suíço-Brasileira e do Centro Educacional Anísio Teixeira) articularam gêneros textuais e referenciação, em suas pesquisas – com destaque para a Tese de Matheus, que representou o Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, em 2016, no Prêmio Capes de Teses, com a pesquisa sobre referenciação e homofobia. Matheus Odorisi, que participou do Programa Doutorado Sanduíche em Barcelona, sob supervisão do Prof. Dr. Teun Van Dijk, publicou no exterior um artigo em inglês, resultante da sua Tese³.

Atualmente, oriento dois doutorandos: Dennis Castanheira (professor substituto da UFRJ e da UERJ), com a pesquisa a respeito do uso de encapsulamentos em entrevistas impressas, articulando Linguística de Texto e Funcionalismo (coorientação de Maura Cezário, da Pós-graduação em Linguística); e Cristiane Gaio (professora do Colégio Pedro II, aprovada em 1º lugar no concurso para o cargo), que analisa estratégias de referenciação em sentenças judiciais sobre violência doméstica e feminicídio. E há 6 futuros orientandos preparando seus anteprojetos de Mestrado e Doutorado.

Finalizando o rol de orientações, em 2016 e 2017, supervisionei o colega José Ricardo de Carvalho, da Universidade Federal de Sergipe (UFS-Itabaiana), durante seu estágio de Pós-Doutorado. Sua pesquisa a respeito de estratégias referenciais

³ ODORISI, M. A minister's speech and homosexual identity. In: KANE, N.; WOODS, J. (org.). *Reflections on female and trans* masculinities and other queer crossings*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2017. p. 48-62.

em contos de terror não apenas analisou a relação entre referenciação e criação do suspense, como também colaborou para a articulação com a prática pedagógica e o debate a respeito do ensino de leitura. Destaco que, em 2020, devo receber mais dois colegas para estágio de Pós-Doutorado (UNIFESP/São Paulo e UFAP/Amapá), dando continuidade a pesquisas sobre texto, ensino e materiais didáticos. Essa atuação com pós-doutorandos vem proporcionando contato com programas de pós-graduação de outras IFES, propiciando o intercâmbio teórico-metodológico e uma troca de experiências ímpar. Porém, dois docentes de universidades da região Norte poderiam ter feito estágio de pós-doutoramento comigo, nesses últimos 3 anos, caso tivessem recebido bolsa de pesquisa. Infelizmente, o impacto dos cortes da educação chegou ao nível do pós-doutorado e impede que colegas que moram longe possam se deslocar para o Rio de Janeiro.

Sintetizando as atividades de ensino, desde 1995 minha carga horária tem sido de, pelo menos, 12 horas/aula semanais, incluindo as turmas da graduação, as da pós-graduação *stricto sensu* e as orientações, conforme disposição do Setor de Língua Portuguesa e o Departamento de Letras Vernáculas. Destaco que, quando atuei na pós-graduação *lato sensu*, assumi carga horária extra. Consegui pequena redução de carga horária quando assumi a coordenação do Setor de Língua Portuguesa em 2001 e 2011; e obtive liberação total de carga horária em alguns momentos: durante o Doutorado em 1999/2, a licença-maternidade em 2004/1 e as licenças para Pós-Doutorado em 2013 e em 2018.

Finalizo este item do Memorial, citando que, quanto à avaliação discente, em todos os momentos nos quais participei de processos de progressão funcional, os comentários dos alunos foram bastante positivos, destacando meu compromisso com o ensino, a assiduidade, a clareza na exposição do conteúdo programático e a dedicação às turmas. Em 1997, quando os graduandos de Administração fizeram um levantamento a respeito dos professores, recebi nota 10 e fui citada como uma das melhores professoras do ciclo básico. Já em 2014, na ECO, na publicação interna na qual os alunos informam aos calouros como são as disciplinas, fui citada como exigente, bem-humorada e muito atenciosa com os alunos. Esses exemplos do reconhecimento das turmas me enchem de orgulho, pois as avaliações positivas dos alunos têm mostrado que, longe de ser perfeito, meu trabalho tem sido cumprido da maneira que me dispus a fazer desde sempre, com seriedade e dedicação.

II – Atividades de Pesquisa e Produção Intelectual

A partir de 1996, tendo iniciado os estudos do Doutorado em Língua Portuguesa e já atuando como docente na UFRJ, meu envolvimento com pesquisas na área de texto e discurso foi se aprofundando. Nessa época, fui convidada pela professora Aparecida Lino para integrar o Círculo Interdisciplinar de Análise do Discurso (CIAD-Rio), coordenado por ela – grupo de pesquisa do qual faço parte até hoje.

Com o envolvimento no CIAD-Rio e na pesquisa do Doutorado, minha participação em congressos nacionais e internacionais ganhou grande impulso, e procurei enfatizar a internacionalização sempre que possível, nesses momentos de intercâmbio com pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Se antes eu já aproveitava todas as oportunidades para apresentar trabalhos e conhecer a pesquisa de colegas de diversas instituições, a partir de 1996 passei a organizar e a frequentar diversos eventos – muitas vezes como convidada. Assim, ministrei palestras e integrei mesas-redondas sobre temas relacionados às minhas pesquisas: ensino de língua portuguesa (leitura, análise linguística, produção textual), articulação textual, referenciação, gêneros textuais, literatura infantil e juvenil. Além de apresentar trabalhos em congressos, participei de diversos eventos organizados por escolas particulares e por secretarias municipais e estaduais de educação.

A partir de 2001, Aparecida Lino e Ingedore Koch indicaram meu nome para o GT Linguística de Texto e Análise da Conversação, da ANPOLL, do qual faço parte desde então. No GTLAC, conheci pesquisadores de vários estados brasileiros, com quem tenho publicado artigos, apresentado trabalhos em congressos e atuado em bancas – parcerias que enriquecem minha atuação acadêmica e profissional. Mais que isso, a atuação nesse GT da ANPOLL ajudou a criar laços de amizade que ultrapassam a fronteira acadêmica e favoreceu a interlocução que sempre procurei com colegas de diversas instituições.

Em relação à participação em grupos de pesquisa, além de colaborar com o Projeto sobre Texto e Referenciação/Protexoto, coordenado por Mônica Magalhães Cavalcante (UFC/Ceará), fui convidada a integrar os projetos Laboratório de Estudos do Discurso Imagem e Som (LABEDIS), coordenado por Tania Conceição Clemente

de Souza (Museu Nacional, UFRJ), e Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão em Libras (LAPEEL), coordenado por Deize Vieira dos Santos (UFRJ). Além disso, há alguns anos, passei a coordenar meu próprio grupo, registrado no Diretório do CNPq, o Grupo de Pesquisa em Linguística de Texto (GPLINT), composto por meus orientandos de graduação e pós-graduação. Algumas atividades promovidas no meu grupo de pesquisa – os Ciclos de Debates do GPLINT – contam com a colaboração de colegas de outras instituições, como UNIOESTE, UFF, INES, FAETEC, UERJ, IFRJ, Universidade do Porto, UNIFESP.

No decorrer destes 24 anos como docente na UFRJ, editei, organizei e publiquei várias obras. É importante destacar minha atuação na Editora Oficina do Autor, entre 1995 e 2005, participando da coordenação das publicações em Linguística, analisando e recomendando obras. Mais recentemente, passei a atuar como Editora Assistente da revista *Diadorim* (UFRJ).

Em relação à publicação de livros ou capítulos de livros, o primeiro deles consta no livro *Estudos de História da Língua Portuguesa*, publicado em 1996, em Frankfurt (Alemanha). A partir de então, já são mais de 18 capítulos de livro (incluindo obras publicadas na França e em Portugal), 7 livros e e-books escritos ou organizados (alguns com coautores), 6 anais de congressos organizados e um número da revista *Diadorim* editado, revisado e organizado (em coautoria).

Especificamente em relação a capítulos e a livros (em formato impresso e eletrônico), tenho procurado ampliar o espectro de publicações, em diversas editoras, de maneira a atingir cada vez um número maior de pessoas com a divulgação de pesquisas desenvolvidas por mim, por colegas e orientandos. Em especial, destaco alguns artigos recentemente publicados em livros, pela importância temática e pela abrangência da divulgação acadêmica, por estarem disponíveis *online*: o artigo em coautoria com minha orientanda Sylvia Jussara Nascimento (SME-Duque de Caxias), em 2017, em obra organizada por Beth Marcuschi em homenagem a Luiz Antonio Marcuschi, elaborado a convite da organizadora; o artigo em coautoria com minha orientanda Cristiane Barbalho (Colégio Pedro II) e com Isabel Sebastião (Universidade do Porto), em 2017, publicado em obra organizada por colegas brasileiros e portugueses; o artigo em coautoria com Claudia de Souza Teixeira (IFRJ), em 2018, publicado em obra

organizada por colegas brasileiros e portugueses para a Coleção da Associação Internacional de Linguística Portuguesa (AILP).

É importante destacar, igualmente, alguns capítulos de livros impressos: "A contribuição da(s) teoria(s) do texto para o ensino" (coautoria com Sandoval Gomes-Santos/UFGA, Luiz Carlos Travaglia/UFU, Cristina Taffarello/UniAnchieta, Maria Francisca Santos/UFAL), publicado em 2010 no livro comemorativo dos 25 anos do GTLAC da ANPOLL, livro indicado na bibliografia do Mestrado e Doutorado em Letras Vernáculas da UFRJ; "Referenciação: leitura de textos midiáticos", publicado na França, em 2015, em livro resultante de congresso internacional; "Correção e Avaliação de textos" (coautoria com Claudia de Souza Teixeira/IFRJ), publicado em 2016, artigo que tem sido muito bem recebido por professores de todo o Brasil, sendo usado, inclusive, como material de referência para avaliação de textos narrativos e argumentativos em algumas escolas; "Linguagem e poder na mídia brasileira e portuguesa", que será lançado em novembro de 2019, em Portugal, em coautoria com minha supervisora de Pós-doutoramento Profa. Dra. Isabel Roboredo Seara (Universidade Aberta/Lisboa).

Cumpré apontar que organizei três e-books (publicações de livre acesso em <<http://leonorwerneck.wixsite.com/leonor/e-books>>), com trabalhos de alunos de pós-graduação (Mestrado Acadêmico, ProfLetras e Doutorado), visando a publicizar as reflexões efetuadas nas minhas disciplinas e a estimular os discentes a publicar: *Gêneros textuais nos livros didáticos de português: análise de manuais de ensino fundamental* (2011), *Referenciação e ensino: análise de livros didáticos* (2013), *Atividades com textos para ensino fundamental e médio* (2016). Além disso, está planejada, para 2019, a edição de mais dois e-books com trabalhos de alunos da graduação (formandos) e pós-graduação (Mestrandos e Doutorandos). Essa produção online interessa-me, em especial, pelo alcance que tais obras podem receber na web, em específico no meu site, visitado frequentemente por brasileiros e estrangeiros.

Dentre as dezenas de publicações, desde o início da minha vida acadêmica, é mister destacar os livros *Articulação textual na literatura infantil e juvenil: e, mas, aí, então* (2003, Lucerna), *Estratégias de leitura: texto e ensino* (Lucerna, 2006, organização partilhada com Maria Aparecida Lino Pauliukonis), *Literatura infantil e juvenil na prática docente* (2010, Ao Livro Técnico, organização partilhada com Rosa

Gens e Georgina Martins), *Análise e produção de textos* (2012, Contexto, coautoria com Claudia de Souza Teixeira e Rosa Maria Cuba Riche).

Ressalto que o livro *Análise e Produção de textos* frequentemente é citado em revistas como sugestão de leitura para professores e já recebeu cerca de cinco resenhas, sempre elogiosas, publicadas em periódicos acadêmicos, com destaque para as que foram elaboradas pelos colegas José Cezinaldo Rocha Bessa/UERN (*Diálogo das Letras*, 2012) e Acir Mario Karwoski/UFTM e Beatriz Gaydeczka/UFTM (*Linguagem em (Dis)curso*, 2013). Além disso, esse livro figura na bibliografia de diversos concursos para o magistério e cursos de pós-graduação (incluindo o ProfLetras) e é citado por mais de 95 outras teses e artigos (cf. Google Acadêmico). Já o livro *Estratégias de leitura: texto e ensino* e alguns dos artigos que o integram surgem citados mais de 90 vezes no Google Acadêmico. O alcance desses livros demonstra a importância dessas publicações.

Ainda como tarefa de editoração, ao longo desses 24 anos na UFRJ, editei cadernos de resumos e anais de congressos de nível nacional e internacional, junto com diversos colegas, nas áreas de Literatura Infantil e Juvenil e Língua Portuguesa. Também merece destaque minha atuação na edição e revisão da *Revista Diadorim* (n. 18, v. 2), junto com Regina Gomes e Filomena Varejão, em 2016. Nesta revista, homenageamos Luiz Antonio Marcuschi, republicando um de seus artigos, generosamente cedido por Beth Marcuschi, e citando-o como um dos precursores da Linguística de Texto no Brasil, ao lado de Luiz Carlos Travaglia, Ingedore Koch e Leonor Fávero.

Também tenho publicado vários artigos em periódicos avaliados como Qualis A e B, mas também prestígio com alguma frequência periódicos Qualis C, geralmente a convite, por considerar importante fomentar a divulgação científica e ampliar a quantidade de periódicos com boa avaliação. Foram 22 artigos publicados, entre 2004 e 2019, em periódicos acadêmicos voltados para o debate teórico e a reflexão sobre o ensino. Em diversas ocasiões, escrevi em coautoria com orientandos e com colegas de diversas instituições.

Destaco alguns desses artigos publicados em periódicos: em 2009, "O ensino de língua portuguesa: PCN e livros didáticos em questão", refletindo a respeito dos materiais didáticos de ensino médio avaliados pelo MEC, até então; em 2014, "Referenciação: *continuum* anáfora-dêixis", coautoria com Mônica Cavalcante (UFC),

apresentando um panorama dos estudos sobre referenciação, é um dos produtos decorrentes do estágio de pós-doutoramento; em 2016, "Dêixis pessoal e verbos na construção de um objeto de discurso argumentativamente orientado", coautoria com Ana Lucia Tinoco Cabral (PUC-SP), analisando a carta-testamento de Getúlio Vargas.

Algumas vezes, os artigos foram publicados a convite dos editores: em 2013, entrevistei Teun Van Dijk e traduzi seu *curriculum vitae* para o espanhol; em 2015, fui procurada para abrir um número especial da revista *Revel*, com um breve artigo sobre referenciação destinado a alunos de graduação e professores de educação básica (destaco que esse artigo tem sido utilizado por mim e por diversos professores em cursos de graduação no Brasil, devido ao seu caráter didático de introdução do tema da referenciação); em 2017, fui convidada a publicar em um número especial da revista *Investigações*, em homenagem a Luiz Antonio Marcuschi; em 2014 e 2019, publiquei artigos sobre leitura e literatura na revista *Interdisciplinar*, a convite dos editores, devido à minha atuação no ProfLetras e à minha produção sobre ensino. Esses convites muito me honram e demonstram reconhecimento pela minha pesquisa e pelo meu trabalho. Além dessas publicações, há cerca de 20 artigos e dezenas de resumos meus em Anais de Congressos.

Há ainda outras publicações que cumpre destacar, como 6 apresentações ou prefácios de livros e 5 resenhas (duas acadêmicas e três literárias). Também já publiquei cerca de 27 resenhas em português e 28 em inglês, em brochuras destinadas ao público em geral, editadas pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Essas produções denotam minha preocupação em partilhar com a sociedade as reflexões travadas na universidade e o meu interesse especial em literatura infantil e juvenil, reiterados pela minha atuação junto à FNLIJ e à Especialização em LIJ da UFRJ.

Todos os artigos publicados, em livros e periódicos, resultam da pesquisa que venho realizando sobre texto e ensino, e alguns abordam leitura literária. Com frequência, minhas publicações são citadas em bases de dados (SciELO, Academia, Research Gate, Google Acadêmico). A visibilidade das minhas pesquisas, concretizada nessas citações, muito me orgulha. Também convém pontuar, conforme já deve ter sido percebido neste relato, que estabeleço parcerias

constantes com colegas de diversas instituições e com orientandos, pois compreendo que essa interlocução é salutar para o desenvolvimento científico e para a divulgação das pesquisas.

Em relação a materiais didáticos, com frequência, elaboro apostilas para as disciplinas que ministro na graduação e para cursos de extensão que organizei. Já são mais de 15 apostilas voltadas para cursos de graduação e extensão, incluindo alguns destinados a funcionários da Reitoria (em coautoria com os orientandos de Mestrado, na época, Welington Cruz e Luísa Lima) e a alunos da Escola de Serviço Social (em coautoria com a orientanda de Doutorado, na época, Margareth Moraes). Além disso, todo o material didático de Língua Portuguesa e Redação do Projeto de Extensão Curso Pré-Vestibular (CPV), unidades Caju e Nova Iguaçu, foi elaborado por mim, em coautoria com Filomena Varejão e os orientandos que ministravam as aulas.

Desde 2011, em parceria com o Projeto Lingnet-Letras 2.0 (Departamento de Anglo-Germânicas/UFRJ) ou individualmente, tenho elaborado material *online*, por meio de Ambientes Virtuais de Aprendizagem como Moodle e Edmodo. Além disso, criei o site <<https://leonorwerneck.wixsite.com/leonor>> (até 2014, o endereço era <www.leonorwerneck.com>), que divulga artigos meus, Dissertações e Teses que oriento. É importante salientar que a média de acessos ao meu site costuma ser de cerca de 3 mil pessoas/ano de diversas cidades no mundo – o que configura uma abrangência internacional das pesquisas que desenvolvo e oriento.

A interface digital da minha produção acadêmica, para além da divulgação no meu site e da elaboração de materiais didáticos, inclui a recente elaboração e oferta do curso online “Referenciação: abordagem textual-discursiva e aplicações pedagógicas” (abril e maio/2019), em parceria com Isabel Roboredo Seara, da Universidade Aberta (Lisboa/Portugal). Este MOOC (Massive Open Online Course) contou com cerca de 400 inscritos, de vários países, configurando um recorde na oferta de cursos da Universidade Aberta na área de Humanidades. Devido ao sucesso desse MOOC, uma nova turma está prevista para o final de 2019.

Cumprer destacar ainda a criação de dois canais na plataforma Youtube: "leonorvideoseaudios" (<https://www.youtube.com/channel/UCL7TuOZKu5W7F1pZ-4QMGMA>), onde divulgo alguns vídeos elaborados por alunos de graduação, em formato de seminários, e compartilho entrevistas com linguistas renomados (já

disponíveis na plataforma) para utilizá-las nos cursos que ministro; e "textoeensinoUFRJ" (<https://www.youtube.com/channel/UCuiisoDilduofkKLcpENI2w>), em coautoria com os colegas Maria Fernanda Alvito, Marcos Scheffel e Alessandra Fontes (Faculdade de Educação/UFRJ), no qual tornamos públicas palestras e mesas-redondas organizadas por nós a respeito de ensino de literatura e de língua portuguesa, visando a democratizar o acesso a esses eventos à comunidade intra e extra universitária. São dois canais em construção, ainda com poucos acessos e likes, mas que, além de também funcionarem como AVA, pretendem alcançar cada vez mais usuários da internet, divulgando o trabalho efetuado na UFRJ.

A experiência com elaboração de materiais didáticos, AVA e cursos *online* vem ampliando o alcance das pesquisas que desenvolvo e oriento, propiciando uma oportunidade inestimável de contato com alunos e colegas do mundo inteiro e me ensinando estratégias e técnicas extremamente úteis na sociedade altamente conectada atual.

Já apresentei mais de 80 comunicações e palestras em eventos nacionais e internacionais (em cujos anais publiquei artigos e resumos). Dentre esses congressos, destaco os seguintes: Simpósio Internacional de Gêneros Textuais/SIGET (Caxias do Sul e Fortaleza), Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa/SIMELP (2015, na Itália; 2017, em Portugal; 2019, no Brasil), Congresso da ALED (edições de 1997 e 2015, na Argentina; 2010, no Brasil; 2019, na França), Congresso Internacional da Abralín (UFAL, UFRN e UFF), Simpósio Internacional de Letras e Linguística (UFU), Congresso Internacional da AILP (UFRJ), Congresso Internacional de Lusofonia do IP-PUC/SP (São Paulo), Res per nomen 4 (Reims/França), Colloque International de Linguistique Ibero-Romane (Montpellier/França), International Conference on Writing Research/COWR (Amsterdam/Holanda), Congresso Internacional de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil/CILLIJ (PUC-RS), Congresso da ALFAL (UFPB), Encontro Franco-Brasileiro de Análise do Discurso (CIAD-Rio/UFRJ), Congresso BRASA (Inglaterra), Simpósio Internacional de Linguística/SIL (São Paulo), Linguagem e Poder (Portugal).

Os trabalhos apresentados em inglês nos eventos da França (2013) e da Holanda (2014) proporcionaram um maior alcance das minhas pesquisas e geraram contatos com pesquisadores como Filippo Pecorari, linguista italiano integrante do grupo de pesquisa fundado por Maria-Elizabeth Conte. Filippo tem colaborado com o

GPLINT, sugerindo leituras, e, por sugestão minha, publicou um artigo na Revista Gragoatá (UFF). Já os congressos na Itália (2015) e Portugal (2017 e 2019) reforçaram o contato com colegas portugueses, com quem tenho publicado e trocado experiências desde então.

Quanto aos eventos de âmbito nacional, destaco os seguintes: Congresso da ASSEL-Rio (UFRJ), Congresso Nacional de Linguística e Filologia (UERJ), Encontro de Literatura Infantil e Juvenil (UFRJ), Simpósio Nacional de Leitura/SINALE (UFPB), Seminário Nacional de Alfabetização e Letramento/SENAL (UFS/Itabaiana-SE), Enanpoll (UFG, Unicamp, UFF), Congresso de Leitura (Unicamp), Fórum de Estudos Linguísticos (UERJ).

Todas essas mais de 80 palestras e comunicações resultam das pesquisas que venho realizando sobre referência, gêneros textuais, ensino de língua portuguesa e literatura infantil e juvenil. Ressalto que, em diversas ocasiões, minha participação nesses eventos aconteceu a convite – o que sinaliza reconhecimento das minhas pesquisas sobre esses temas e me deixa muito feliz. O intercâmbio teórico-metodológico com pesquisadores brasileiros e estrangeiros reforça meu interesse por colaborar com a pesquisa e o ensino, mostrando à comunidade acadêmica e à sociedade a produção da universidade. Além disso, não posso deixar de destacar que participar de eventos no Brasil e no exterior colabora para minha formação e atualização, o que considero essencial na atuação docente.

III – Atividades de Extensão

A atuação universitária não é a mesma se não damos a devida atenção ao ensino, à pesquisa e à extensão. Considero a extensão universitária essencial, por isso tenho atuado em diversos projetos, programas e cursos de extensão regularmente cadastrados na UFRJ, como docente convidada ou como organizadora, procurando mostrar à sociedade o resultado de pesquisas e atividades efetuadas na UFRJ por mim, por colegas e por orientandos.

Já coordenei diversos projetos que geraram cursos de extensão, sempre colaborando com a formação continuada de alunos da UFRJ e de professores da rede pública e particular, abordando temáticas variadas. Dentre eles, destaco os seguintes: "Textos dissertativos: leitura e produção", incluindo duas turmas organizadas para alunos da Escola de Serviço Social; "Roteiro e narrativa em quadrinhos" (em parceria com Hamilton Kabuna, mestrando da Escola de Belas Artes); os cursos "Oratória docente e técnicas vocais" e "Transtornos de aprendizagem e suas implicações na dinâmica escolar" (ambos em parceria com o Fonoaudiólogo Felipe Ribeiro). Todos esses cursos contaram com grande número de participantes externos à comunidade acadêmica – às vezes, de outras cidades, como no caso dos ministrados por Felipe Ribeiro, que atraíram profissionais de Macaé e de outros municípios fluminenses.

Em relação à minha participação como organizadora e docente de cursos de extensão na UFRJ, cumpre destacar os seguintes: "Técnicas de elaboração de monografia"; "Introdução aos estudos de Literatura Infantil"; "Gramática e ensino: uma proposta de abordagem textual"; "Introdução à Linguística Textual, à Semiótica e à Análise do Discurso"; "Gêneros textuais e referenciação: pesquisa e ensino". Em alguns desses cursos, convidei pós-graduandos para apresentarem suas pesquisas e experiências no ensino básico, o que configurou uma oportunidade para eles atuarem como docentes universitários e compreenderem a importância de pensar a atuação científica atendida às demandas sociais.

Também devo pontuar minha atuação, em conjunto com a colega Filomena Varejão, no Projeto de Extensão Pré-vestibular (CPV, unidades Caju e Nova Iguaçu), no qual contamos com 25 orientandos, discutindo práticas pedagógicas, elaborando apostilas, participando de palestras. Já citei essa experiência neste

Memorial, mas destaco-a novamente aqui por considerar essencial apontar o alcance social desse projeto de extensão, articulando universidade e sociedade. E também porque o crescimento dos monitores, no decorrer do projeto, foi comovente: passaram a ser protagonistas da própria formação acadêmica e atuação docente.

Não posso deixar de apontar minha participação como docente convidada em cursos de extensão coordenados por colegas, geralmente ministrando palestras associadas à prática pedagógica no ensino básico: "Pontes Linguísticas: um caminho possível" – destinado a docentes da rede municipal do Rio de Janeiro (organização: Departamento de Linguística e Filologia/UFRJ, NEIS); "Pensando a Escrita do Surdo" (organização: Departamento de Linguística e Filologia/UFRJ, Colégio Pedro II) – curso que contou com a participação de alunos surdos e intérpretes de Libras; e "Plurilinguismo, política linguística, línguas indígenas" (organização: Museu Nacional/UFRJ) – curso com a presença de professores indígenas de vários estados brasileiros. Além de ser uma honra poder contribuir com colegas de outros departamentos e instituições, ter a oportunidade de ampliar minha rede de atuação, colaborando na formação continuada de professores e trocando experiências, é sempre extremamente compensador. Aprendo muito sempre que leciono, em qualquer nível.

Ainda como atividade associada à extensão, fui convidada a atuar em comissões científicas de diversos eventos externos à UFRJ, como V Eclae (UFRN / Natal-RN), VIII Congresso Internacional da Abralín (UFRN/Natal-RN e UFF/Niterói-RJ), XXVI Jornada do Gelne (UFRRPE/Recife-PE), diversas Reuniões Regionais e Anuais da SBPC, V Congresso da AILP e VII Colsemin (UERJ), XIII FELIN & I Congresso Internacional de Língua Portuguesa (UERJ), Línguas e literaturas em contato (UnB / Brasília-DF), VII Simelp (UFRPE/Porto de Galinhas-PE). Nesses eventos, além de elaborar pareceres para resumos de trabalhos submetidos à avaliação, também organizei simpósios, em parceria com colegas de outras instituições, como Unioeste, UERJ, UFPA, PUC/SP, Universidade Nova de Lisboa, Unifesp, IFRJ, dentre outras.

Muito me orgulho de ser convidada por diversas instituições para ministrar palestras, assim como me sinto honrada de ser responsável por uma Aula Magna abrindo ou encerrando cursos – como ocorreu em 2010, no Curso de Letras da UNIFOA (Volta Redonda/RJ), ou em 2018, no ProfLetras, na UFS (Itabaiana/SE). Da

mesma forma, fico feliz sempre que sou convidada para eventos organizados por escolas públicas, como o Colégio Militar/RJ, ou secretarias de educação, para abordar temáticas associadas ao ensino. Foram diversos os convites das Secretarias Municipais de Educação de Volta Redonda, São João de Meriti, Duque de Caxias, Nova Iguaçu, Niterói e Rio de Janeiro (nesse caso, em várias atividades de formação continuada voltadas para professores da rede municipal).

Também já ministrei minicursos e oficinas em instituições privadas e em eventos acadêmicos, como Oficina da Palavra APLIC, Instituto Presbiteriano de Ensino, Curiosa Idade Educação Infantil, Centro Educacional Luiz de Camões, Arca Comunidade Educacional, Escola Oga Mitá, Unigranrio, Universidade Católica de Petrópolis, dentre outros. A título de exemplo, cito alguns: minicurso, em 2015, no Colégio Bandeirantes (SP); minicurso, em 2016, durante o Congresso do GELNE (Recife/PE); oficina, em 2018, durante o EDUCERE (PUC-PR); oficina, em 2019, durante o SIMELP (Porto de Galinhas/PE). Em todas essas ocasiões, abordei temas relacionados ao ensino.

Merece destaque também o convite que recebi para ministrar um minicurso, em 2012, na Florida International University (Miami/EUA), sobre ensino de português como língua de herança. Na oportunidade, conheci dezenas de professores brasileiros, americanos e latinoamericanos, que atuam em instituições americanas, às vezes como voluntários, lecionando português como língua estrangeira e como língua de herança. Apesar de não ser especialista nessas áreas, meu minicurso abordou aspectos textuais e gramaticais de relevo para o ensino de línguas. E esse encontro culminou com o lançamento do livro *Análise e produção de textos*, na FIU, em um momento de muita alegria e descontração.

Também atuei em atividades de extensão em outras instituições, tais como: UFRR/Boavista-Roraima, durante o evento Abralin em Cena; UFCG/Campina Grande, durante o VI Selimel; UFRRJ, durante a Semana de Letras. Além disso, são inúmeros os minicursos, as oficinas e as palestras, como convidada, em instituições como CEFET (MG), IFRJ, IFF-Macaé, UFRRJ, Unioeste (Cascavel/Paraná), PUC-PR (Curitiba/PR), Colégio Pedro II, Proler (Araxá/MG), Liceu literário Português e Academia Brasileira de Letras. A participação em eventos como esses, somada à minha atuação na Jornada de Iniciação Acadêmica (JIC/SIAC) e no Seminário de

Dissertações e Teses em Andamento (SEDITA), da UFRJ, demonstram meu interesse em pesquisa, ensino e extensão.

Cumprir destacar minha atuação na organização de mais de 14 eventos nacionais e internacionais na UFRJ, como o XV Congresso da Assel-Rio, os Fóruns Internacionais de Análise do Discurso e os Encontros de Literatura Infantil e Juvenil. Mais recentemente, tenho organizado palestras e mesas-redondas para os Ciclos de Debates do Grupo de Pesquisa em Linguística de Texto (GPLINT), com convidados de instituições como Unioeste, UFF, Faetec, Unifesp, Universidade do Porto (Portugal), Colégio Pedro II, Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), etc.

Tendo em vista a divulgação científica para o público leigo, com alguma frequência, aceito convites para participar de programas de televisão e rádio (como TV-Escola, Multi-Rio e rádio MEC), além de ter concedido entrevistas e publicado pequenos textos em veículos diversos, como a *Revista Conhecer* (destinada a professores), o website *Gazeta News* (Flórida/EUA) e o jornal *Notícias FNLIJ 6*. Em todos esses momentos, procurei explicar, em linguagem mais acessível ao público leigo, aspectos relacionados ao ensino gramatical, à leitura e à literatura infantil e juvenil.

Minha atuação na divulgação científica também alcança alunos de escolas públicas, da rede estadual (Colégio Estadual Gomes Freire/Penha, durante a ocupação dos alunos, em 2017; CIEP Manuel Bandeira/São João de Meriti, em 2017) e federal (Colégio Pedro II, em 2016; CEFET, em 2017). Nessas oportunidades, fui convidada a ministrar palestras sobre argumentação e poder, instigando os alunos a se questionarem a respeito da importância de ter vez e voz, defendendo suas ideias em textos orais e escritos bem estruturados.

Meu envolvimento em políticas públicas ocorreu em diversos momentos, como Membro de Comissão de avaliação de provas e redações ou de avaliação e seleção de livros de literatura infantil: Vestibular Cesgranrio e UFRJ (entre 1997 e 2001), Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE-2005), Programa de Implantação de Bibliotecas Públicas (FBN-2007), Programa Nacional do Livro Didático de Ensino Médio (PNLEM-2009), Exame Nacional do Encceja/2008, ENADE-2010. Finalmente, em 2018, fui convidada a integrar o grupo de revisores da equipe de avaliação de livros didáticos de língua espanhola (PNLD/2018-Espanhol). Integrar essas equipes, ao lado de profissionais de diversos estados brasileiros,

propiciou uma visão de ensino de língua portuguesa e de leitura literária que vem moldando, desde então, muitas das minhas pesquisas e publicações.

IV – Atividades de Gestão e Representação

Minhas atividades de ensino, pesquisa e extensão são inúmeras, porém não posso dizer o mesmo das atividades de gestão e representação. Mesmo assim, embora sem perfil para gestão, atuei, em alguns momentos, em tarefas para as quais me sentia preparada, aproveitando cada uma dessas oportunidades para aprender e ampliar minha visão de mundo a respeito da estrutura universitária.

Assim, entre 2003 e 2004, coordenei o Curso de Especialização em Literatura Infantil e Juvenil, da UFRJ, tendo como tarefas administrar as atuações dos professores das disciplinas, resolver pendências burocráticas, organizar eventos e acompanhar orientações de monografias de final de curso. A experiência de coordenar esse curso também me possibilitou colaborar com sua implementação junto ao novo sistema de cadastro e registro de cursos de especialização da UFRJ.

Outra atividade que merece ser destacada foi minha atuação na equipe de apoio da Jornada de Iniciação Científica (JIC/SIAC), em 2009 e 2010, ajudando na organização das sessões da Faculdade de Letras/UFRJ. Nessas ocasiões, conheci de perto a complexidade de organizar um evento do porte da JIC/SIAC, compreendi as especificidades de cada sessão para articular a agenda das apresentações e avaliações e pude vivenciar ainda mais de perto a potência das pesquisas desenvolvidas na Faculdade de Letras.

Quanto a atividades mais burocráticas, mas não menos acadêmicas, coordenei o Setor de Língua Portuguesa, no Departamento de Letras Vernáculas/UFRJ, em dois momentos: de julho/2001 a julho/2002 e de 07/2010 a 08/2011. Nessa coordenação, conheci mais detalhadamente a estrutura da UFRJ, elaborei planilhas de pedidos de vagas de professores, participei de reuniões no Conselho Departamental e na Direção da Faculdade, colaborando com a Chefe de Departamento.

Além disso, tenho atuado, como eleita, indicada ou voluntária, em comissões e grupos de trabalho: comissão de elaboração de ementas do Setor de Língua Portuguesa (por ocasião da mudança curricular, em 2013 e 2014); comissão de elaboração de bibliografia básica do processo de seleção para Mestrado e Doutorado em Letras Vernáculas (2014); comissão de Núcleo Docente Estruturante (NDE) para os cursos de Bacharelado e Licenciatura de Português-Inglês e

Português-Italiano (que discute adaptações curriculares desses cursos, a partir de 2018) e a Comissão de Acessibilidade da UFRJ (visando a debater aspectos relacionados à inclusão de alunos com necessidades especiais, a partir de 2019).

Já em colegiados superiores, fui representante do Departamento de Letras Vernáculas junto ao Conselho de Cultura e extensão da FL/UFRJ, entre 2010 e 2013, período no qual pude participar de reuniões na Faculdade de Letras e na Reitoria a respeito de cursos de extensão e da implementação das Atividades Curriculares Complementares. Também fui eleita representante dos Professores Assistentes, na Congregação da Faculdade de Letras/UFRJ, no período de 2001 a 2002. Essas experiências foram essenciais para conhecer colegas de vários departamentos da Faculdade de Letras e para participar de debates importantes referentes ao funcionamento da faculdade.

Finalmente, fui eleita representante da Faculdade de Letras, no Conselho de Representantes da Associação de Docentes da UFRJ (ADUFRJ), de 1996 a 1998 e de 2015 a 2017. Essa atuação na seção sindical proporcionou o contato com colegas de diversos *campi* e unidades da Universidade e a participação em reunião nacional em Brasília, por ocasião da greve geral de 1998, quando pude conhecer colegas de todo o país. Essa experiência na ADUFRJ foi essencial para mim, não apenas porque constatei a importância da consciência do nosso papel político como docentes universitários, mas também porque aprendi um pouco a respeito da organização do movimento sindical.

Finalmente, cumpre destacar que fui eleita Presidente da Associação de Estudos da Linguagem do Rio de Janeiro (Assel-Rio), no biênio 2008-2009, em conjunto com as colegas Regina Gomes, Eliete Batista e Marcia Machado, da UFRJ, e Mariângela Rios, da UFF. Nessa gestão, procuramos reforçar o lugar de destaque da Assel-Rio como associação de pesquisa que congrega professores de todo o estado do Rio de Janeiro. Para isso, organizamos o XV Congresso da Assel-Rio e o III Seminário de Ensino de Língua Portuguesa (SELP), em 2009, com minicursos, oficinas, mesas-redondas, palestras e sessões de comunicação, que reuniram cerca de 600 participantes do Brasil e de Portugal e mais de 20 monitores. Foi uma experiência inesquecível, pelo aprendizado em relação à organização de um evento de grande porte. Posteriormente, fiz parte do Conselho Consultivo da Assel-Rio

entre 2009-2010 (em 1998-1999, já havia atuado na Diretoria da Assel, como 1ª tesoureira).

V – Qualificação Acadêmico-Profissional e Outras Atividades

Conforme já citei anteriormente, trabalho predominantemente com Linguística de Texto e Análise do Discurso, além de me interessar também pela formação do leitor literário. Desde que iniciei a atividade docente na UFRJ, em 1995, minha atuação, em sala de aula, associa-se à minha produção acadêmica, e as palestras, minicursos, comunicações e publicações apresentam, como ponto de partida, o texto – literário, midiático, pedagógico –, enfatizando aspectos linguísticos e textual-discursivos, articulando leitura, análise linguística e produção textual. Assim, toda a minha produção reitera a estreita relação entre ensino, extensão e pesquisa.

Minha dedicação vem sendo percebida desde a graduação, quando recebi diplomas de Bacharelado e Licenciatura com Dignidade Acadêmica *Cum Laudem*. Também é imperioso destacar que meu primeiro livro autoral, *Articulação textual na literatura infantil e juvenil: e, mas, aí, então*, foi selecionado para o Acervo Básico da FNLIJ/2004, na categoria Teórico, o que configura uma distinção e um reconhecimento da importância da obra.

Ao longo desses anos, também pude contar com diversos alunos bolsistas (Capes, CNPq e Faperj), e eu mesma fui contemplada com bolsas em três ocasiões: Pós-Doutorado Sênior (PDS), em 2013, e Apoio à Participação em Congresso (AVG), em 2014, ambas do CNPq; Apoio à Pesquisa (APQ5), em 2015, da Faperj. Além dessas bolsas, como integrante de comissão de organização de eventos na UFRJ, fomos contemplados em editais de órgãos de fomento como Fundação Universitária José Bonifácio (FUJB), Banco do Brasil, Faperj, CNPq e Capes.

Destaco que, em 2018, o trabalho "Referenciação: uma proposta de reflexão sobre a linguagem midiática", de autoria de Cristiane Gaio e Maria Cristina Bastos, orientado por mim, recebeu Menção Honrosa na Jornada de Iniciação Científica (JIC/SIAC).

Entre abril e dezembro de 2013, fiz meu estágio de Pós-Doutorado com a Profa. Dra. Mônica Cavalcante (UFC/Brasil). Já entre janeiro e dezembro de 2018, fiz outro estágio de Pós-Doutorado com a Profa. Dra. Isabel Roboredo Seara (Universidade Aberta/Portugal). Em ambas as oportunidades, pude interagir com profissionais de reconhecido renome na Linguística e desenvolvi pesquisas que

resultaram em publicações, em participações em bancas e congressos e na elaboração do MOOC para a Universidade Aberta, reunindo mais de 400 inscritos.

Faço parte dos Conselhos Editoriais, como parecerista, de mais de 30 revistas especializadas (6 delas na UFRJ), a maioria avaliada como Qualis A ou B pela Capes, dentre as quais: *Policromias, Linguística, Metamorfoses, Bakhtinianas, Gragoatá, Matraga, Ideação, Revista do GELNE, Diálogo das Letras, Calidoscópico, Letrônica, Entrepalavras, Educação & Realidade, Diacrítica (Portugal) e Diadorim*. Destaco igualmente que integro, como membro externo, o comitê assessor do Programa de Incentivo à Produção Científica, Técnica e Artística (Prociência/UERJ) e da Fundação Estadual de Apoio à Pesquisa (Faperj). Com frequência, sou convidada a atuar como parecerista em eventos da área de Letras e Linguística.

Além disso, integro, desde 2012, o Júri do Prêmio Anual da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) – atuação que tem proporcionado contato frequente com obras recém-lançadas de literatura infantil e juvenil, além de encontros com ilustradores, editores e autores nacionais e internacionais. Como membro do Júri, além de avaliar obras literárias, sou convidada frequentemente a ministrar palestras sobre leitura e literatura infantil e juvenil – no Salão do Livro para Crianças e Jovens da FNLIJ e em cursos oferecidos para professores da rede pública do Rio de Janeiro – e elaboro resenhas (em português e inglês). Essa experiência na FNLIJ proporcionou a oportunidade de participar, em 2015, do Júri do Prêmio Literário Biblioteca Nacional (categoria Literatura Juvenil), atuando ao lado de Vera Teixeira Aguiar e Tania Piacentini, expoentes da área no Brasil.

Finalmente, participei de dezenas de bancas, dentre as quais, várias de concurso e de seleção (monitoria, cursos de pós-graduação), de Transferência Interna e Mudança de Curso (TIM) e de progressão funcional. Não posso finalizar este relato de atividades sem destacar que sou sócia de associações científicas como ALED, ASSEL-RIO, ALAB, IP-PUC/SP, ABRALIN, AOTP (EUA) e, como já disse anteriormente, sou membro do GT Linguística de Texto e Análise da Conversação da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística).

Enfim, sintetizando todas as produções acadêmicas e a minha atuação profissional como docente da UFRJ, destaco que, desde 1995, são constantes os convites para integrar comitês científicos variados, avaliando projetos, solicitações

de bolsas e propostas de trabalhos em eventos nacionais e internacionais. Fiquei honrada por poder participar de diversos programas organizados pelo MEC, ao longo desses anos, e por ministrar tantas palestras e minicursos em escolas públicas e particulares. Ainda reservei tempo para assistir a palestras e cursos ministrados por Eugenio Coseriu, Bernard Schneuwly, Joaquim Dolz, Jean-Michel Adam, Caroline Miller, Deborah Cameron, dentre outros pesquisadores, buscando o aprendizado constante – como, aliás, sempre fiz, desde que usei o vestidinho de saia plissada azul marinho e blusa branca, aos dois anos de idade.

O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.

(*Grande sertão: veredas*, João Guimarães Rosa)

**"Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende"
(Guimarães Rosa)**

[...] escrever (no sentido curiosamente intransitivo do termo) é um ato que ultrapassa a obra; escrever é precisamente aceitar ver o mundo transformar em discurso dogmático uma palavra que no entanto se quis (se se é escritor) depositária de um sentido oferto; escrever é deixar que os outros fechem eles próprios nossa própria palavra, e a escritura é apenas uma proposta cuja resposta nunca se conhece. Escrevemos para ser amados, somos lidos sem o poder ser, é sem dúvida essa distância que constitui o escritor. (Roland Barthes)

Durante a estranha e desafiadora tarefa de elaborar este Memorial, juntar comprovantes de atividades, lembrar tudo o que fiz até chegar à promoção ao cargo de Professor Titular da UFRJ, passei por momentos em que me perguntava como foi possível dar aulas, publicar tantos artigos e livros, corrigir trabalhos, ler Dissertações, Teses e um sem número de livros e artigos, participar de bancas, comissões e reuniões, organizar e participar de eventos; enfim, fazer tanto e, ao mesmo tempo, às vezes, parecer invisível para quem não está na academia e acha que os professores "só dão aulas". As tarefas que cumprimos como docentes universitários parecem infinitas. E ainda há o tempo de ser mãe, esposa, amiga, mulher, filha, em um mundo no qual também as tarefas femininas parecem invisíveis.

Igualmente, neste processo de autonarrativa, passei por momentos que mesclaram muita emoção, saudades de várias pessoas e uma gratidão profunda a todos os que me apoiaram e ajudaram até aqui. Especialmente em relação a este processo de Promoção a Titular, não posso deixar de agradecer ao Carlos Alexandre, pela ajuda e pela gentileza de sempre, em diversos momentos ao longo deste ano; à Maura e à Marcia, interlocutoras essenciais nessas últimas semanas; à Claudia, leitora atenta dos meus textos, parceria constante há tantos anos.

Também preciso agradecer aos meus orientandos, sempre pacientes e compreensivos neste momento em que precisei me ausentar um pouco – e eles bravamente se organizaram em grupos para se ajudarem, aliviando minha tarefa de orientadora. Dentre eles, destaco Cristiane, Margareth e Dennis, que auxiliaram em diversas tarefas.

Já os trâmites administrativos não sairiam a tempo se não fosse o apoio da Chefe do Departamento de Letras Vernáculas, Vanessa Ribeiro, e da secretária, Gabriela Lessa, além dos técnico-administrativos dos diversos setores da Faculdade de Letras, que ajudaram a fazer com que tudo fosse resolvido em tempo hábil. Assim, só posso mesmo agradecer a eles e a todos os amigos, colegas, alunos, parentes que compartilharam comigo os momentos de emoção dos últimos meses.

Neste momento de avaliação, é imperioso agradecer carinhosamente aos professores que compõem a Comissão de Avaliação: Aparecida Lino, Marli Quadros Leite, Lucia Teixeira, Luiz Carlos Travaglia, André Valente, e aos suplentes Carlos Alexandre Gonçalves e Mariângela Rios. Em tempos brechtianos como os atuais, "em que é necessário defender o óbvio", pois não se respeita o trabalho que temos conduzido na academia, é um alento e uma honra poder contar com a dedicação de colegas que cedem parte do seu precioso tempo para ler Memorial, conferir documentos e preencher formulários. A presença de vocês, nesta Banca, me enche de orgulho e admiração.

No campo pessoal, não posso deixar de agradecer a toda a minha família. Em especial, aos meus pais – que tão pouco puderam estudar, mas tanto me estimularam desde cedo –; ao meu marido e à minha filha, que me ajudam cotidianamente a ser uma pessoa melhor, a aprender com os erros, sempre olhando para a frente, procurando acertar. A eles não há palavras para agradecer, pois, de fato, "A escrita é uma construção coletiva e não individual" (Emília Ferreiro) – cada um deles sempre esteve presente e ajudou a escrever os capítulos da minha vida.

Mas não posso finalizar sem destacar alguém que, mais que um agradecimento e uma dedicatória, merece um pedido de desculpas: minha filha Alice. Se fiz tantas coisas, especialmente nesses 15 anos, é porque roubei dela muito tempo. Tempo que procurei compensar com fotos e lembranças de viagem para congressos, com desenhos a que assistimos juntas enquanto provas e Teses aguardavam ao lado da televisão. E que certamente consegui compensar com muito amor e com a demonstração de que, quando fazemos o que nos deixa felizes, todos os dias valem a pena.

Relembrar tantos momentos essenciais na minha vida, avaliá-los e ousar partilhá-los com os leitores foi um grande desafio. Concordo com Silva (2016, p. 60), que destaca a importância da construção dialogal no Memorial Acadêmico, pois,

[...] para além de seus silêncios, o grande mérito de tais textos, além de seu óbvio valor histórico, visto como relato de uma experiência docente e das vivências e identidades que a ela se relacionam dentro de determinado contexto sociocultural, afirma seu valor didático, ao colocar o *eu* do autor e suas experiência do passado, o presente e do futuro em referência ao *outro*, o leitor, e pela possibilidade de compartilhamento que isso significa.

Em uma sociedade onde se ampliam tensões, antagonismos, fanatismos e fundamentalismos, a construção de identidades e alteridades de forma relacional e dialógica se mostra uma necessidade urgente.⁴

Talvez tenha faltado acrescentar algumas informações a este Memorial. De fato, há muitos silêncios: a angústia de ver o que vem sendo feito com a educação pública atualmente, a incerteza da aposentadoria na época em que eu esperava... Também certamente faltou listar as centenas de alunos que tive e a quem devo agradecer por tudo o que aprendi com eles; as dezenas de alunos e professores da Letras que se tornaram meus colegas de profissão e amigos além dos muros da academia; ou ainda listar as dezenas de servidores técnico-administrativos que atuaram em silêncio entre as paredes da UFRJ, mas sem os quais as licenças, as progressões, as autorizações para afastamento no/do país não teriam acontecido a tempo. Cada uma dessas pessoas é importante neste relato, mesmo ser ter sido citada nominalmente.

Também faltou comentar que, no decorrer desses 24 anos como professora da UFRJ (somados a mais uns 10 anos, desde que entrei aqui como aluna), tive a oportunidade de assistir a palestras de Carlos Eduardo Novaes, Lygia Fagundes Telles, Pepetela, José Saramago, João Ubaldo Ribeiro, Afranio Coutinho, Ferreira Gullar, Celso Luft, Massaud Moisés, Eugenio Coseriu, Noam Chomsky, Ronald Langacker, Patrick Charaudeau, diversos autores e ilustradores de literatura infantil e juvenil, como os premiados Maria Clara Machado, Angela Lago, Bartolomeu Campos de Queirós, Rui de Oliveira, Roger Melo, Ziraldo, Marina Colasanti – enfim, uma gama de profissionais das mais diversas áreas. A lembrança de cada um desses encontros reforça a construção de uma pessoa e profissional que sempre buscou e sempre buscará aprender, cada vez mais.

Não me tornei médica, bióloga, contadora ou jornalista. Tornei-me professora. Por opção e dedicação. E tenho muito orgulho de tudo o que consegui fazer até hoje. E se, em alguns momentos, cometi erros – quem não os comete? –, em muitos

⁴ SILVA, Wilton C. L. Saber se inventar: o memorial acadêmico na encruzilhada da autobiografia e do egodocumento. *MÉTIS: história & cultura*, v. 15, n. 30, p. 44-67, jul./dez. 2016.

outros tive a certeza de estar no caminho certo, levando ao pé da letra que "A menor distância entre dois pontos pode ser a linha reta, mas é nos caminhos curvos que se encontram as melhores coisas" (Lygia Fagundes Telles).

A vida é uns deveres que nós trouxemos para fazer em casa.
Quando se vê, já são 6 horas: há tempo...
Quando se vê, já é 6ª-feira...
Quando se vê, passaram 60 anos!
Agora, é tarde demais para ser reprovado...
E se me dessem – um dia – uma outra oportunidade,
eu nem olhava o relógio
seguia sempre em frente...
E iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas.
("Seiscentos e sessenta e seis", Mario Quintana)

Rio de Janeiro, 3 de outubro de 2019.

Leonor Werneck dos Santos

Site: <https://leonorwerneck.wixsite.com/leonor>

Instagram: <https://www.instagram.com/leonorws.ufrj/>

<https://www.instagram.com/gplint.ufrj/>